

*Alpina*

*CV 45*

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO**

**ESCOLA DE EDUCAÇÃO**

**A INFLUÊNCIA DA TELEVISÃO SOBRE A CRIANÇA**

**por**

**EVELLYNE CRISTINA DIAS FREITAS**

**ORIENTADORA: MARIA ELENA VIANA SOUZA**

**RIO DE JANEIRO**

**JUNHO/2006**

EVELLYNE CRISTINA DIAS FREITAS

## A INFLUÊNCIA DA TELEVISÃO SOBRE A CRIANÇA

Monografia apresentada à Faculdade de Educação – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, parte dos requisitos para conclusão do curso de Pedagogia

Orientadora: PROFESSORA MARIA ELENA VIANA SOUZA

RIO DE JANEIRO, RJ

Junho/2006

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, especialmente, à minha orientadora Maria Elena que com toda sua experiência e competência, aliada ao seu jeito carinhoso de ser, me ensinou a buscar caminhos para falar do tema escolhido.

Agradeço à minha querida mãe Helena Cristina, ao meu padrasto Hélio Henrique e minha irmã Danyelle Cristina, que sempre me apoiaram dando todo suporte possível para a conclusão deste curso de Pedagogia.

## RESUMO

Partindo do princípio de que a criança é um ser social, vinculada a um contexto imerso em transformações e contradições devido ao crescente avanço tecnológico, torna-se de fundamental importância refletir a criança e a relação que se estabelece com a televisão, especificamente, abordada neste presente trabalho.

A escola, por sua vez, terá um importante papel a desempenhar, posto que, o sistema formal de educação está experimentando uma visão dessa cultura tecnológica, seja por pressão direta da indústria cultural, entretenimento e comunicação, seja pela pressão exercida pelos próprios alunos, que pela convivência nesse mundo impregnado desses novos valores, levam para a escola todos os seus elementos.

**Palavras Chaves : Criança, Infância, Educação, Televisão e Socialização**

## Sumário

<b>Introdução</b>	<b>5</b>
<b>Capítulo I - A história da televisão brasileira</b>	<b>7</b>
<b>Capítulo II - Aspectos da concepção da infância</b>	<b>13</b>
<b>Capítulo III – A criança e a televisão</b>	<b>20</b>
<b>Considerações finais</b>	<b>29</b>
<b>Referências</b>	<b>32</b>

## INTRODUÇÃO

Tecer considerações sobre o tema intitulado A INFLUÊNCIA DA TV SOBRE A CRIANÇA, implica necessariamente em discorrer sobre dois aspectos a que este título nos remete por si mesmo, quais sejam: aquilo que se entende por *criança* e o que se entende por *televisão*, estabelecendo por fim um entrecruzamento entre essas concepções, fazendo uma relação com a escola.

Acreditando, portanto, na possibilidade de se aprender com a televisão, discutir uma programação com crianças e vivenciar uma experiência crítica, é que me propus a investigar a natureza do signo televisivo, a concepção de criança e a escola em parceria com a TV .

Salientarei os aspectos que interferem na formação da criança, os quais incorporados a fatores econômicos, ambientais e sócio-culturais, favorecem e condicionam a constituição de valores estereotipados pela influência direta ou indireta da programação televisiva.

Agindo intensamente na vida da sociedade brasileira, não há como negar que a televisão, desde os seus primeiros dias, viu-se envolvida em amplos debates, que crescem à medida que ela se torna um dado cada vez mais presente e importante no nosso cotidiano. Percebe-se que a televisão que antes só estava presente em nossa sala de estar, hoje em dia já se faz necessária nas salas de aula.

Buscando não enquadrar a televisão dentro de uma avaliação sumária do certo / errado, do bom / mau, chegou a hora de trazer para a educação, uma possível utilização da televisão como um importante instrumento para o crescimento e desenvolvimento da criança. Aliada à escola, a televisão pode ter uma finalidade

✓

pedagógica e, dependendo da qualidade de sua programação, ela pode ter uma função educativa.

A questão problematizadora que me orientou nesse estudo foi: Que relações podem ser feitas entre a natureza do signo televisivo, a concepção da criança e a escola quando em parceria com a TV?

Para responder a tal questão tive como objetivos:

- . Caracterizar a história da televisão brasileira
- . Mostrar os aspectos da concepção da infância.
- Fazer uma relação entre a criança e a tv.

A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica em que autores como Sodré (1981), Soifer (1992), Rocco (1993), Guareshi, ( 1993), Ariés.(1981), Kramer (1992), Thoman (1979), Castro(1998), Postman (1999), Guareshi (1993), Serrano (.1989), Marques (1995), Hobsbawn (1995), Benjamin (1984), foram estudados.

Visto isto, convido-o a se embrenhar, neste assunto ainda tão atual e ao mesmo tempo bastante discutido, que causa furor entre aqueles que realmente se preocupam na decisiva interferência que a televisão exerce na representação que a criança formará da realidade.

## CAPÍTULO I

### A HISTÓRIA DA TELEVISÃO (BRASILEIRA)

A televisão chegou aos lares brasileiros no início da década de 1950, cinco anos após o seu aparecimento no mundo. A televisão alcançou uma expansão bastante sensível por volta dos anos 1960 a 1969.

A primeira emissora de televisão inaugurada no Brasil foi a Tupi de São Paulo.

Foi na década de 1960, que se fez sentir o efeito do consumo industrial, e assim delineou-se um perfil urbano de consumo e a televisão começava a assumir caráter comercial. Mas é somente a partir dos anos de 1970 que a indústria eletrônica se consolida.

Em 1964 é inaugurada a Tv Globo, cuja popularidade faz vê-la, por muitos, como introdutória do sistema televisivo, pois desde o início procurou produzir perto de 60% de sua programação (sendo que atualmente produz quase 100%). A ideologia da Rede Globo era a do capitalismo de consumo, uma visão mais de acordo com os novos rumos do país. A partir da década de 1970 foi considerada, por excelência, a campeã de audiência, monopolizando o mercado até os dias de hoje. (Sodré, 1981).

A Rede Globo é apontada como um dos poucos conglomerados de comunicação que estariam a ameaçar a heterogeneidade cultural e a autodeterminação dos povos. Como concluiu Soifer (1992), alcançava-se, enfim, a almejada universalização da cultura iniciada séculos atrás com o advento da

imprensa. Começava a vislumbrar a possibilidade de não existirem mais núcleos humanos relegados e isolados, sem acesso à instrução e aos conhecimentos científicos.

Durante seus vinte primeiros anos de história, a televisão era um veículo de alcance limitado em razão do baixo número de domicílios que possuíam um aparelho e da reduzida extensão do território nacional capaz de receber sinais de televisão.

?? A Tv Globo começa em 1953 com a decadência de um modelo de televisão que exibia as fraquezas de um meio de comunicação, fora do modelo capitalista avançado e o aparecimento de uma empresa de acordo com o ingresso do país no modelo de crescimento econômico acelerado, expansão e reforço dos bolsões da classe média, avanço da indústria eletroeletrônica e conseqüentemente barateamento dos aparelhos televisores, a par da urbanização acelerada. A televisão sai dos bolsões de opulência e invade os bairros populares e as favelas. A padronagem dos produtos televisivos transpostos do rádio é substituída pela melhor exploração de recursos técnicos e de linguagem, reformulando-se e dando um novo estatuto à programação. (Soifer, 1992)

Ex plicar  
mulher

Assim, percebe-se a quase onipotência e onipresença da televisão, veículo bem mais poderoso que a imprensa escrita. Percebe-se também, que ante a tv não é possível a indiferença e que sobre o campo de tensões em que atua, ela prossegue seu caminho de conquistas cada vez maiores, a ponto de se tomar praticamente imprescindível a vida de grande parte das pessoas.

Conforme mostra Guareschi (1993), a tv consegue provocar entre os indivíduos uma nova forma, ainda que discutível de "reencantamento de mundo", através das visões harmoniosas e extremamente plásticas que projetam, sem que

✓

redação  
nos demós conta que nos encontramos diante de simulacros do real e que, de tão parecidos que são com esse próprio real, acabaram por nos confundir, levando-nos até a indagar se a vida é o que se passa fora ou lá dentro do vídeo.

Veiculando apenas simulações do real, a verdade, porém, é que a tv vem conseguindo instaurar entre os grupos sociais um tempo novo, marcado por uma forte instantaneidade das relações e pela presentificação inexorável dos acontecimentos.

Sodré (1981) tem analisado o caráter ideológico da televisão. É através dessa grade colocada sobre o mundo que chega até o telespectador aquilo que foi selecionado e homogeneizado pela ideologia do século.

A televisão brasileira entra no século XXI comemorando seus 50 (cinquenta) anos, período ao longo do qual foi se desenvolvendo e ocupando cada vez mais espaços nos lares e na sociedade brasileira. Devido à grande importância que adquiriu no dia a dia de cada família e de cada brasileiro, consolidou-se como o mais importante veículo de comunicação de massa do país.

Seu poder sobre o público é tamanho que, em alguns lares, talvez a maioria deles, é a tv quem determina a organização do tempo e do espaço, estabelecendo toda a rotina da casa. ✓

### 1.1 A TV e a população brasileira

Uma considerável porção da população brasileira é constituída por analfabetos e semi-alfabetos e, dentre o restante, a leitura não é exatamente um hábito ou mesmo um dos principais passatempos. Por isso e por ser um meio bastante acessível, a televisão se tornou a principal fonte de informação da

população brasileira e uma opção barata de lazer e entretenimento, sendo, muitas vezes, dentro de uma casa, monopolizadora das atenções.

Nos lares brasileiros não há rádio, livro, jornal ou revista que consiga superar ou se igualar a TV em se tratando de atrair e manter a atenção do público. Ela não é apenas um instrumento de informação e diversão, mas também um instrumento de identificação. Cada expectador seja ele adulto ou criança, se identifica e se reconhece nas pessoas comuns, nos personagens e nas histórias que desfilam pelos diferentes programas, e, através da televisão, sente-se parte de um grupo e integrado ao mundo.

Por tudo isso, a tv incorporou-se de tal forma à vida social de cada pessoa e de cada família que muitos a consideram um verdadeiro membro da família, fazendo com que ocupe um lugar de honra na casa e na vida de cada família.

Rocco (1993) sustenta a idéia de uma tendência dos adultos em atribuir à tv a "culpa" pelos baixos índices de rendimento escolar, sobretudo entre os melhores. Nas suas palavras, "não só a família, mas a própria escola lançam freqüentemente sobre o veículo a já referida responsabilidade por reconhecidos fracassos" (p.232).

Nos últimos anos, a televisão brasileira está passando por uma verdadeira crise de qualidade e de confiança. Dentro dos diferentes gêneros de programas exibidos (infantil, variedades, humorístico, drama, jornalístico entre outros), podem ser observados alguns poucos formatos que se repetem ao longo dos diversos canais das redes abertas de TV. (Observatório da imprensa, 2000)

Os programas bem sucedidos na "guerra" pela atenção dos diferentes públicos, proporcionando altos índices de audiência, são explorados ao máximo e copiados por emissoras concorrentes. Em busca de bons índices de audiência, inúmeras vezes a tevê recorre a programas que exageram nas cenas de violência.

Nem os desenhos animados estão livres das seqüelas de maldade. Alguns *cartoons* atraem a atenção do público pelos conteúdos nada politicamente corretos, como alguns que mostram meninos de 8 (oito) anos vomitando na frente de meninas propositalmente ou assistindo, apaticamente, a morte de um amigo de turma. Pesquisas recentes indicam que a programação não impõe limites morais, ou seja, não mostra a relação entre o bem e o mal. (observatório da imprensa, 2000)

Uma breve análise da programação da TV, revela a carga de violência presente não apenas em programas de ficção, mas também no jornalismo. Na ficção, é evidenciada a vantagem do comportamento violento: quase sempre é conveniente bater em alguém; é preciso violência para se conseguir o que se quer; os impasses são resolvidos na violência e não no diálogo.

O grande problema para o telespectador é que grande parte da programação exibida, tanto voltada para o público infantil quanto para o adulto, apresenta um conteúdo de qualidade bastante questionável, sendo consideradas exceções à regra as programações das emissoras públicas e alguns programas das emissoras comerciais. São freqüentes as alusões pornôas, as cenas de sexo e de violência; a linguagem inapropriada (vulgar e apelativa e/ou com erros de português).

O sensacionalismo dos programas jornalísticos; o desrespeito à dignidade humana em programas de auditório; piadas preconceituosas nos vários humorísticos; e a programação de preconceitos, de valores e de modelos e de comportamento estereotipado e/ ou inadequados, mas são mostrados de forma a serem considerados corretos ou, até mesmo, os mais apropriados, dentro de determinados contextos. E tudo isso, muitas vezes, é colocado no ar em horários inapropriados.

Embora as emissoras comerciais defendam-se, alegando que essa programação de qualidade duvidosa está no ar porque é isso que o povo quer ver e é isso que ele entende, pesquisas recentes têm demonstrado exatamente o contrário.

Essa questão da qualidade do conteúdo veiculado e da forma e do horário da veiculação torna-se de suma importância quando se trata do público infantil, principalmente das crianças mais novas por sua inabilidade natural para diferenciar o real da fantasia e pelo hábito de imitar o que vêem de seus pais, familiares e amigos fazendo, assim como o que vêem na TV.

Segundo um estudo feito por Flávio Ferrari, diretor executivo do IBOPE, as crianças prestam atenção no que estão vendo e assimilam a informação. Quando assistem a programas inapropriados a sua faixa etária, elas assimilam e processam informação, não necessariamente da forma mais correta e adequada.

As crianças e os jovens tendem a amenizar ainda mais a possível influência da programação em seus comportamentos, apontando que esta, quando ocorre, não ultrapassa um nível superficial, sendo exercida basicamente através de modismos (roupas, gírias, corte de cabelo). Neste sentido, observa-se a valorização da educação recebida através da família, vista como a principal referência em termos de modelo de conduta e valores morais.

Situações patológicas, apresentadas num clima de normalidade, são corriqueiras na programação. Por que esses apelos na TV? Por que tantas cenas de violência ou por que tanta erotização? Se esses programas não tivessem audiência com certeza não haveria programas. Tudo depende da qualidade e da maturidade de caráter do consumidor. Se esses programas existem é porque existe audiência.

Entretanto a TV não é só defeitos. A vulgaridade, a hipocrisia de justificar os piores abusos como exercício da liberdade de expressão, a interferência no jogo político-eleitoral, a desatenção para as suas responsabilidades com a educação, são alguns dos piores. A TV revigora a língua portuguesa, mesmo que promova distorções, como a mistura da segunda e da terceira pessoa pronominal, comuns nas novelas ("tu vai ver, tu não sabe").

A TV permite também o acesso à informação a milhões de excluídos, que não têm jornais, livros, internet e escola de qualidade. É muita injustiça a idéia de que a TV só emburrece. A maioria toma ciência do que ocorre no mundo e forma juízo sobre os fatos graças ao que vê na televisão.

Do ponto de vista ético, a TV difunde muito mais valores democráticos, condutas coletivas concretas, comportamentos adequados e úteis, do que o contrário: a tolerância com a diversidade, as virtudes da democracia, o respeito à lei, a proteção da vida, da saúde e da natureza.

Há uma preocupação generalizada pelos efeitos da televisão, especialmente nas crianças, e uma tendência para se instituir um único fator - a televisão - como explicação de determinados fenômenos sociais: os comportamentos violentos e o fracasso escolar.

Será que a criança que dedica horas frente à televisão está fadada ao fracasso escolar? Será que as crianças se desinteressam pelos programas e tarefas escolares?

É necessário ter presente o contexto de vida das crianças e não apenas uma de suas dimensões. Há que considerar não apenas o fator crianças, ou o fator televisão, mas também os contextos sócio - culturais, em que ocorre tal interação. A captação e interpretação das mensagens, por mais que a Tv homogeneize, passam

pelas reais condições de vida do telespectador, vale dizer, pela situação que ele ocupa na produção.

O telespectador infantil não está imune a este determinante. As crianças que não têm como companhia somente a TV, cujas famílias podem proporcionar –lhes lazer e estímulos variados, têm na TV uma fonte a mais de entretenimento e informações. Certamente, estas crianças têm oportunidade de comentar ou de até mesmo discutir com seus familiares ou na escola as mensagens televisivas. Não é que elas sejam mais inteligentes, o que ocorre é que, normalmente, dominam o código lingüístico burguês. Têm geralmente percepção mais apurada pela familiaridade com vários estímulos e experiências diversificadas. Assim a Tv, para elas, é apenas um estímulo a mais no seu rico cotidiano. Estas crianças dispõem de outras oportunidades de lazer, tais como piscina, cinema, teatro e computador.

O mesmo não se pode dizer das crianças que não têm outra companhia além da TV: crianças que ficam a sós grande parte do dia, sem amigos e com os mesmos brinquedos de sempre, que não oferecem desafios. Essas crianças geralmente ficam confinadas em apartamentos pequenos e vêem os movimentos das ruas pelas janelas. Essas crianças usam a televisão para se “ligarem” no mundo mágico. Seja lá o que for, adequado ou não, é melhor do que é visto através da janela. Essas crianças vêem TV e não programas de TV.

Garrocho (1995) acredita que as programações televisivas em geral, podem oferecer estímulos à urbanização. Crianças encorajadas a relatar episódios que mais interessam no programa a que assistiram, que notícias lhe chamou mais atenção, ou um novo comercial. Se elas forem estimuladas nessa iniciativa e, melhor ainda, se forem levadas a interpretar aquilo que relatam, estarão exercitando em excelentes oportunidades a discussão, a reflexão e reinterpretação do fato televisivo.

Com isso as crianças exercitam grande parte de seu potencial de observação e verbalização.

✓

## CAPÍTULO II

### ASPECTOS DA CONCEPÇÃO DA INFÂNCIA.

Segundo Áries (1981) a duração da infância era <sup>medida</sup> deduzida até o momento em que ela não mais precisasse dos cuidados constantes de sua mãe ou ama. Após esse momento, passava a conviver como os adultos e partilhava de seus trabalhos e jogos.

A transmissão dos valores e dos conhecimentos, e de modo mais geral, a socialização da criança, não eram, portanto, nem asseguradas, nem controladas pela família.

A criança logo era afastada de seus pais e pode-se dizer que durante séculos a educação foi garantida pela aprendizagem, graças à convivência dela com os adultos. A criança aprendia o que devia saber apenas ajudando os adultos na realização das atividades e obrigações.

Foi em meados do século XVI que esse sentimento vai cedendo lugar a um novo sentimento denominado de "paparicação", reservado à criança, em seus primeiros anos de vida, enquanto ela ainda era considerada uma "coisinha engraçadinha", fonte de distração e relaxamento. Assim: "*De agora em diante, porém, as pessoas não hesitariam mais em admitir o prazer provocado pelas maneiras das crianças pequenas, o prazer que sentiam em paparicá-las*" (Áries, 1981, p188.).

Segundo Phillip Áries é entre os moralistas e os educadores do século XVII que vemos formar-se um outro sentimento da infância, que inspirou toda a educação até o século XX, tanto na cidade como no campo, tanto na burguesia como no povo.

O apego à infância e a sua particularidade não se exprimiam mais através do interesse psicológico e da preocupação moral.

Esses moralistas haviam-se tornado sensíveis ao fenômeno outrora negligenciado da infância, mas recusavam-se a considerar as crianças como brinquedos encantadores, pois viam nelas frágeis criaturas de Deus e que era preciso ao mesmo tempo preservar e disciplinar. Esse sentimento, por sua vez, passa a existir no âmago da vida familiar.

Contudo, no século XVIII, encontra-se na família esses dois elementos antigos associados a um elemento novo: a preocupação com a higiene e a saúde física. Tudo o que se referia às crianças e à família tornara-se um assunto sério e digno de atenção. Não apenas o futuro da criança, mas também sua simples presença e existência eram dignas de preocupação – a criança havia assumido um lugar central dentro na família.

As crianças e a infância deveriam ocupar muito mais o tempo e o espaço de nossas preocupações: afinal se existe uma história humana é porque o homem tem uma infância.

Ser criança é, antes de tudo, pensá-la na qualidade de um ser social produtor de cultura, sempre vinculado às suas condições reais de existência. Dessa forma, a criança deixa de ser encarada de maneira universal e passa a ser vista de forma particular, ou seja, passa a ser diferenciada de todas as demais crianças pelos hábitos culturais, raça, gênero, classe social, bem como as características históricas. No parecer de Kramer (1992): *“A visão da criança baseada em uma concepção de natureza infantil, e não na análise da condição infantil, mascara a significação social da infância”*. (p.76)

1

As crianças são sujeitos sociais e históricos, marcados pelas contradições da sociedade em que vivemos. A criança não é filhote do homem, ser em maturação biológica; ela não se resume em ser alguém que não é, mas que se tornará (adulto, no dia em que deixar de ser criança). As crianças são cidadãs, pessoas que produzem cultura e são nela produzidas, que possuem um olhar crítico que vira pelo avesso a ordem das coisas, subvertendo essa ordem.

O conceito de infância, tal como o entendemos hoje, pressupõe uma fase da vida em que a criança encontra-se em desenvolvimento e que deve ser protegida de certos aspectos da realidade da vida dos adultos. Esse período é caracterizado pela dependência que a criança tem dos adultos, o que lhe possibilita o aprendizado de conhecimentos, de uma forma gradual e no seu devido tempo, de modo a que esse indivíduo em formação possa se integrar à vida adulta.

Entre os pressupostos que guiaram as pesquisas sobre a infância até um passado recente, Thoman (1979) apontam dois que parecem particularmente relevantes para esta discussão: “O mito da criança incompetente” e o “mito do futurismo”.

O mito da incompetência infantil pode ser resumido na idéia de que a criança -especialmente o bebê recém - nascido - é um organismo incompleto, relativamente incompetente e inadequado, que através de uma série de progressões mais ou menos lineares, vai se tornar um organismo complexo, completo e competente - isto é, um adulto. Intimamente ligada a esta concepção (porque como ela também decorre de uma visão “adultocêntrica” da criança) está a noção de que a infância é, essencialmente, um período de promessas: seu significado principal reside naquilo que ela virá a ser.

Outro elemento da cultura infantil é o substantivo infância, que ali está subentendida. O entendimento desse conceito mudou radicalmente nas últimas décadas, principalmente a partir dos trabalhos de Philip Áries, de que o sentimento da infância como a entendemos hoje é recente. Antes da Idade Média não se falava de infância pelo fato de ela não existir. A infância não era uma preocupação cultural, constituindo-se simplesmente uma breve fase de dependência ultrapassada rapidamente, chamando bem pouco a atenção.

A expressão cultura da infância ou mesmo cultura infantil é <sup>reflexos</sup> vista do ponto em que a criança não tem autonomia cultural, mas participa de práticas ou consome produtos culturais criados pelos adultos. Alguns autores indicam, que em termos culturais, a criança mantém sua autonomia apenas nas brincadeiras e no humor.

Cada vez mais, percebe-se a criança como um ser organizado e competente, finamente adaptado às exigências de cada fase de sua vida.

A qualidade de vida da criança nos seus primeiros anos é essencial para o seu desenvolvimento emocional, intelectual e físico. Com muito tempo dedicado a TV, a criança corre o risco de não exercitar sua capacidade de expressar sentimentos e pensamentos. Criança precisa brincar, se exercitar, trocar experiências e emoções com os pais, parentes e amigos.

Pesquisas (IBOPE, 1998), mostram que os adultos dedicam, em média apenas sete minutos do dia exclusivamente aos filhos. Ocupados, estressados e cada vez com menos opções de lugares onde possam deixar as crianças quando elas não estão na escola, muitos a entregam à cômoda e acessível babá eletrônica. É a tv desempenhando um papel que seria dos pais, avós, tios e da própria babá.

As crianças de hoje passam horas seguidas em frente à televisão e encontram-se, paradoxalmente cada vez mais solitários em relação à sua família. Seus pais estão quase sempre ocupados com suas próprias vidas.

No parecer de Castro (1998), parece razoável que o peso atribuído à atividade de assistir televisão está relacionado com a redução das oportunidades de brincadeiras ao ar livre que hoje não são mais possíveis para a grande maioria das crianças que mora na cidade grande. Assistir televisão implica inserir-se em outras redes simbólicas de subordinação cultural. Assim, concorrendo com a "autoridade" e a "experiência" paterna e materna, a "nova pedagogia" dos meios de comunicação em massa entra no lar.



## 2.1 A infância, os meios massivos de comunicação e a cultura do consumo

A importância da família e da escola como mediadoras do conhecimento foi diminuindo com o aparecimento dos meios massivos de comunicação. Esse fato aparece refletido na pobreza da leitura e da escrita. Ao mesmo tempo em que consagra a primazia da imagem que iguala narcisicamente os corpos e ambições, bloqueia qualquer linha de fuga criativa da escravidão instituída.

Em nossos dias, a cultura da mídia substituiu instituições tradicionais como os instrumentos mais importantes de socialização e os jovens, muitas vezes, recebem das corporações das mídias, materiais e modelos de comportamento que formam sua identidade, deixando em segundo plano seus pais e professores: uma cultura produzida e comercializada substitui artefatos tradicionais da cultura infantil.

A desvalorização do saber dos mais velhos, as novas formas de comunicação em redes ampliam essa aquisição de conhecimentos sem uma hierarquização de



saberes, sem controle dos adultos e sem uma sistematização própria da escola. Postman situa a "invenção" da infância precisamente com aparecimento da imprensa, a partir de seu impacto no ensino oral tradicional e que onde a instrução foi valorizada, havia escolas, e, onde havia escolas, o conceito de infância desenvolveu-se rapidamente..

A criança consome tanto ou mais que um adulto, mas é também consumida, com apontam os fenômenos crescentes de marginalidade, prostituição infantil, maus tratos, etc. Nesse contexto a mídia cumpre uma função decisiva nos processos de subjetivação responsáveis pela formação da criança. Ao mesmo tempo que produz informação, impede a apropriação subjetiva dos fatos histórico-sociais por parte da criança. (Adorno (1995 p.76)

A criança é transformada pela mídia no modelo ideal de consumidor. Enquanto consumidora, a criança foi alçada ao mesmo status do adulto. Dentro de uma inserção mais tradicional, a criança era considerada como um sujeito em potencial, se preparando para "ser um adulto" no futuro.

Como consumidoras, as crianças adquirem um tipo de cidadania que as faz iguais às demais, que também são apenas consumidoras em potencial. Desta forma, a dinâmica social do consumo promove a infância fornecendo-lhes uma base estatutária de reconhecimento social.

No parecer de Capparelli (1998), o consumidor criança pode ser facilmente capturado pela cultura do consumo, que inserida no mundo simulacional, faz com que realidade e imagem não possam mais ser diferenciadas com nitidez.

As crianças contemporâneas se transformaram para assumir posições inusitadas: de congêneres supostamente considerados e inaptos, as crianças



tornam-se os convivas que requisitam sua participação na realidade orgiástica do consumo.

As crianças, neste contexto, aparecem como consumidoras em potencial devido às suas características de compradoras imediatas e de futuros adultos que serão inseridos duplamente nas relações comerciais do capital, vendendo sua força de trabalho e reproduzindo o lucro no consumo (Capparelli, 1998, p. 154).

Se aceitarmos que o sentimento da infância é uma construção histórica, operada por forças sociais, culturais, políticas e econômicas, estamos aceitando também o fato de que ele surgiu em alguma fase da história humana; e esse sentimento pode desaparecer ou se modificar.

É o que se fala tanto na infância e aparecem tantas leis criadas para regular essa fase da vida ou protegê-la. Talvez se fale na infância como se fala em algumas espécies em extinção. Há quem ache que a infância já desapareceu e os discursos recentes sobre ela fazem apenas sua autópsia (Postman, 1999).

O fim da infância só pode ser apreendido ou explicado quando se analisa o contexto onde infância existe, especialmente com as mudanças no cenário cultural, a relacionar cultura com as tecnologias contemporâneas.

As crianças, hoje, são clientes, compradores, gastadores e consumidores. As crianças foram incorporadas ao mercado de consumo a partir de uma expansão verticalizada desse mercado. Ocorreu também, em nível de produção, uma expansão horizontal aumentando a gama de alcance desse público.

Quando nos preocupamos com a experiência da infância numa sociedade voltada para o consumo, estamos falando de um processo de subjetivação marcado por sua época. A infância atual não conheceu o mundo de outra forma, essa

geração já se formou na ordem da tecnologia e da mídia. A vivência infantil contemporânea estará, de certa forma, implicada nesta lógica do consumo.

As crianças estão inseridas em última instância na lógica do capitalismo, que num mesmo movimento que os exclui, enquanto os consumidores de algum bem ou serviço, os inclui pela ótica do desejo.

A criança já nasce situada numa cultura. A forma como a criança é olhada pelos outros desde o seu nascimento e as expectativas em relação a esta criança vão circunscrevendo o lugar social a partir do qual se construirá sua identidade.

A construção da subjetividade das crianças se dá na relação com os estímulos do mundo material que as circundam e com isso assimila desde cedo e com rapidez, os valores que atuam como manipuladores dos significantes sociais.

A conquista do status de cliente e da autonomia do mercado destinado a infância, diz Capparelli (1982), acarreta novos modos de ser e de viver a infância desejar, possuir, relacionar-se com o dinheiro, gastar e saborear o poder de saber-se peça fundamental das estratégias de marketing.

Embora a criança demonstre habilidades muito peculiares na sua relação com o mundo material, criando outros sentidos para os objetos que possuem significados pela cultura do consumo, parece difícil, também para ela, neste contexto, se manter criativa e inovadora em suas formas de agir no mundo.

A infância de hoje aparece modelizada pelo mundo de bens materiais e simbólicos destinados a ela pela cultura do consumo. Desta forma, a infância se integra no todo social, na medida em que compartilha do mesmo destino das outras categoriais sociais – o destino de consumidora.

A presença da infância hoje confirma, assim, o princípio totalitário do contrato social na contemporaneidade – o mercado – que inclui todas as categorias sociais e as confraterniza sob a égide de seu poder e sua eficácia.

A infância se objetifica, exuberante e, talvez excessivamente, a partir da “cultura dos objetos”, dos bens materiais e simbólicos a ela destinados.

Cada vez mais, as condições de subjetificação na infância, se territorializam em função da homogeneidade das relações sociais que excluem a intercomunicação entre os vários grupos sócio-etários.

É na cultura dos objetos e das coisas que as crianças vão buscar as marcas que a definem como tal: é através da materialidade das figurinhas, dos jargões da moda, dos seriados televisivos, do novo brinquedo, que a infância também comunica “quem está dentro e quem está fora” definindo fronteiras entre os amigos e estranhos.

Pensar a criança no momento atual, seja no contexto familiar, escolar ou social, é pensá-la no contexto da Nova Ordem Mundial, ou seja, refletir a criança numa cultura capitalista, em um mundo onde convivem, como nunca antes, a miséria absoluta e as mais sofisticadas tecnologias.

É numa realidade violenta, hostil e que não sabe lidar com as diferenças que temos educado nossas crianças. Elas são obrigadas a conviver com índios queimados, pessoas mortas nas esquinas, meninos executados nas candelárias deste país e com presos torturados.

As crianças com quem poderíamos aprender a mudar e a fazer história do eixo da história reinventando a esperança, aprendem com os adultos a aniquilação dos direitos, o medo, a agressão e a falta de sentidos.



A infância atual foi sugada pela indústria cultural, onde os canais comerciais de televisão possuem como objetivo principal, a venda dos produtos anunciados e a divulgação de hábitos e de padrões de vida, do interesse do sistema vigente. Assim, substitui-se a brincadeira pela figura da criança "hipnotizada" pela tela.



### CAPÍTULO III

#### A CRIANÇA E A TV

Já no início da televisão nos Estados Unidos, a criança é vista como consumidor e só depois enquanto audiência. Neste período em que as crianças tornaram-se consumidores, são produzidos os primeiros programas infantis, antes mesmo que as indústrias e serviços criassem uma categoria de publicidade infantil. Só depois que essa audiência cresceu, apareceram os primeiros patrocinadores com seus produtos alimentícios, seus brinquedos e suas guloseimas.

A programação para crianças na televisão surgiu no Brasil ao mesmo tempo que sua criação como meio de comunicação. Ela é da maior importância para a formação desse público, tendo sobre ele um grande impacto em nível técnico e de conteúdo: as crianças, ainda com a personalidade em formação, estão indefesas perante uma gama enorme de mensagens. Normalmente, numa televisão explorada pela iniciativa privada, o objetivo primordial da programação é o lucro e não a própria criança. . (Adorno (1995, p. 76))

A análise do livro "Televisão, criança, imaginário e educação" organizado por Elza Dias Pacheco (1998), mostra que no Brasil, com os primeiros programas infantis, especialmente, o primeiro Sítio do Pica Pau Amarelo, com Tatiana Bilink e Júlio Gouveia, pretendia-se uma mídia eletrônica como forma de impulsionar o gosto pelos livros, especialmente Monteiro Lobato. Mas nos anos 70, com a consolidação do mercado de bens culturais, a criança brasileira é construída pela publicidade em termos de filho de consumidor, alguém que persuade os pais para as compras e, mais tarde, torna-se um alvo direto das mensagens.



A televisão é vista como uma influência extremamente poderosa, um meio possuidor de poderes mágicos, que molda a consciência e o comportamento da criança. Esta é vista como uma vítima passiva da televisão, indefesa, fortemente impressionável e vulnerável.

Não há dúvida de que a televisão veio trazer novidades para o mundo da criança. Ela se defronta, em nossos dias com um novo ambiente familiar e social. Antes, ela tinha os pais, os irmãos e os amigos. Agora, ela tem tudo isso e algo mais – a **televisão**. Em muitas circunstâncias, os pais, ou mesmo os irmãos, e principalmente os amigos e os vizinhos, passam para segundo plano. Seus principais companheiros e colegas, com quem passam a se relacionar, são os personagens de seus programas favoritos na televisão (Guareshi, 1993).

Segundo alguns estudos, no Brasil, as crianças passam em média, de 3 (três) a 5 (cinco) horas por dia à frente da telinha. Essas médias são muito altas e considerando –se que, para muitas dessas crianças, esse tempo é maior do que o que ficam na escola, a televisão passa a desempenhar um papel significativo na sua educação e, portanto, na relação entre mães e filhos, entre alunos e professores.

As crianças passam muito tempo a ver televisão, tirando-lhes tempo para a realização de outras tarefas, nomeadamente para a leitura e para a realização das tarefas escolares, que prejudica o sucesso escolar e o diálogo na família.

Se os pais, nas poucas horas que passarem com seus filhos, não souberem se impor como a principal fonte de informação e modelos a ser seguido, a TV assumirá essa posição, e, de certa forma a “função familiar educativa”. Será ainda pior se, quando presentes, os pais ficarem diante da televisão tanto quanto as crianças ou mais. Isso fará com que elas assistam à TV cada vez mais e sem desenvolver uma visão crítica.

Muitas crianças não estão preparadas e têm dificuldade para digerir certas informações que lhes são oferecidas ou na forma ou no momento inadequados, o que pode trazer problemas para o seu desenvolvimento. Enfim, o grande problema dessa questão está no poder que esse meio possa exercer sobre a criança, no caso de pais omissos.

*relevar* Conforme mostra Castro (1981) ~~é~~ aproximadamente até os 7 (sete) anos, a criança gosta de imitar outras crianças ou adultos ao seu redor, assim como o que vê na TV, principalmente quando os personagens preferidos são interpretados por crianças. Vale ressaltar que a criança aprende por experimentação, por observação e por imitação, sendo esta última a base de sua aprendizagem e decorrendo daí a necessidade e a importância de modelos adequados ao longo da infância.

Durante os períodos da infância e da adolescência, são características marcantes a curiosidade e a disposição de estar aberta a todas as experiências e a tudo que o mundo oferecer, resultando numa maior influenciabilidade do que na fase adulta, o que explica o fato de crianças e adolescentes serem naturalmente mais impressionáveis e mais vulneráveis aos apelos televisivos do que os adultos.

Através da tela, a criança tem contato com o mundo de fantasia proposto pelos comerciais, que associam a felicidade à posse de produtos. Em casa onde a renda familiar não permite o acesso a esses bens, o prazer proposto pela telinha gera insatisfação permanente. Do outro lado, estão as crianças privilegiadas que correm o risco de se tornarem prisioneiras do consumismo.

Entretanto, desde sempre e cada vez mais, crianças não assistem apenas a programas infantis na TV. A programação de uma emissora visa a atingir qualquer pessoa de qualquer idade, que possa estar em casa a qualquer hora do dia ou da



noite. E o resultado é que, desde muito pequena, a criança entra em contato com as mais diversas formas de ficção.

### 3.1 A escola e a tv: Aspectos positivos e negativos.

Os primeiros valores apresentados ao indivíduo, ainda na infância, são os da família. Depois a escola, que na qualidade de agente educativo, age diferentemente da família, educando de modo sistemático e gradual. Ambas são os principais focos irradiadores de valores que se constituem em conceito de vida.

Sabemos que os conceitos veiculados pela televisão são mais rápidos que os veiculados pela escola. O imediatismo e a atualidade da informação televisiva são inegáveis. Dessa forma, a escola não pode desprezar essa influência, mais sim tê-la como participante, incentivadora, aliada na sua tarefa educativa. Ela precisa saber como a televisão está passando suas mensagens para disso tirar proveito positivo, tornando sua ação não só eficiente como eficaz. Por não deter os mesmos poderes da televisão, a escola precisa urgentemente colocá-la ao seu lado como componente curricular, partindo da integração dos conhecimentos transmitidos pela televisão ensinando as crianças a classificá-los, situá-los e criticá-los.

Podemos considerar a televisão a segunda escola de muitas crianças, uma escola paralela, cujo tempo *dedicado* a ela equivale ao tempo *gasto* na escola. Dessa forma, temos que pensar numa escola construída para enfrentar os desafios do novo milênio que se avizinha, mesmo sendo claro que ela não existe isoladamente e, certamente, não será somente por meio dela que se promoverá a transformação da sociedade, mas seu papel pode ser significativo se forem

desenvolvidas políticas educacionais que a valorizem, transformando-a no espaço para a formação do novo ser humano.

A televisão, como meio de comunicação, é também, portanto, um foco irradiador de valores e adquire extrema importância, principalmente se forem considerados os efeitos prejudiciais ao desenvolvimento físico, mental / intelectual e emocional / psicológico das crianças a ela atribuídos, tais como:

- Inibição do diálogo familiar;
- Imposição de uma visão de mundo;
- Confusão entre ficção e realidade;
- Embrutecimento sonoro e visual;
- Analfabetismo funcional;
- Problemas de linguagem;
- Decréscimo do raciocínio dedutivo;
- Asfixia da imaginação criativa da criança;
- Atitude de passividade;
- Indução ao consumismo (incluindo bebidas alcoólicas e cigarros);
- Oferecimento de experiências prematuras para a criança (quando ela assiste a programas dirigidos a adultos) e banalização da sexualidade;
- Promoção da cultura da agressividade e banalização da violência; e
- Problemas físicos / orgânicos; (Observatório da imprensa, 2000)

Nos últimos anos surgiram pesquisas que defendem a televisão ressaltando os aspectos positivos de sua influência sobre o telespectador, tais como:

- Entretenimento e lazer;
- Informação, formação e educação.

Estas constituiriam a função social da TV, fazendo-a cumprir seu papel de prestadora de serviços de utilidade pública e possibilitando a democratização da informação e do conhecimento, com uma crescente melhoria da qualidade de vida da população, principalmente a de baixa renda.

Sendo a TV um eficiente instrumento de penetração cultural, potencializa o aprendizado de conhecimentos e de comportamentos (principalmente se for considerada a capacidade de observação e imitação das crianças). Também por isso, esse veículo é uma poderosa arma de conscientização, de sensibilização e de socialização, constituindo-se num excelente meio para construção da cidadania e da divulgação dos direitos e deveres do cidadão.

Por todos esses aspectos favoráveis e desfavoráveis em relação à televisão, fica evidente que seu potencial é enorme, tanto para o bem quanto para o mal, dependendo do uso que se dê a ela.

O fato de crianças verem tevê não é necessariamente ruim: ela pode trazer conhecimento. O problema é que entra na vida das crianças sem critérios de seleção. Mais do que provocar a imitação imediata de gestos, gírias e outros modismos, a tevê pode ter zona de influência ampliada a longo prazo: conceitos e preconceitos divulgados por novelas, filmes e programas podem se tornar um padrão de comportamento para as crianças muitas expostas a eles.

O problema é que pais e filhos só vêem o programa e nada falam. A criança fica refém do silêncio. A falta de conversa em casa agrava ainda mais a influência negativa que a televisão pode exercer. Ao relacionarem-se com as formas e os conteúdos de desenhos animados, programas infantis, comerciais, novelas da TV, por exemplo.



Com as pessoas presentes na sua vida familiar e escolar, as crianças mostram-se como sujeitos ativos e interativos. Enquanto participantes dessas inter-relações, recebem influências de diversas qualidades e níveis para viverem no mundo contemporâneo mas também, e à sua maneira, produzem suas influências infantis ao elaborar, recriar, expressar suas emoções, idéias, histórias junto a seus familiares, colegas, professores, com significados encontrados em programas assistidos pela TV.

Trata-se portanto, de uma grande “teia de influências” de muitas naturezas, poderes, procedências e na qual atuam crianças (telespectadoras, sim, mas não só) em seus espaços sociais mais favorecidos ou não, tecendo diferentes histórias. Esses múltiplos poderes comunicacionais de transmitir, influir, transformar, dialogar, produzir – não reduzidos apenas a mídia como a TV – são assinalados, dentre outros pesquisadores por Manuel Martim Serrano (1989), a partir de investigações dirigidas por ele, na Espanha, sobre a produção social da comunicação televisiva com e por crianças. Diz ele:

*“A informação que se adquire de uma fonte de comunicação pode e deve ser diferenciada da que é obtida por outras entradas. Na comunicação de massa pode ser a mesma, mas o uso dessa informação, o valor que possui para a criança na elaboração de uma imagem da realidade, se explica pelo sistema social, econômico, familiar, de trabalho escolar, de vizinhança, em que se desenvolve, mais do que pelos conteúdos da comunicação”.* (p.152)



*ndanças*

O que se pode contribuir para uma atenuação das conseqüências e dos efeitos negativos dessa programação sobre o telespectador, seria de responsabilidade dos pais e professores.

Para as crianças, principalmente as que estão em idade pré-escolar, o ideal seria que só assistissem aos programas adequados a sua faixa etária. Como o ideal nem sempre é o possível, quando elas assistirem a programas que não se enquadrem nessa condição, a companhia de um adulto seria fundamental. Quando surgissem cenas ou temas que a criança ainda não tivesse capacidade de processar da forma correta e adequada, caberia ao adulto fazer a mediação dessas mensagens.

A escola pode ter uma participação importante nessa tarefa, complementando a educação familiar e, até mesmo, suprimindo possíveis falhas que tenham ocorrido. Para isso, a escola precisa perder seu extremo preconceito em relação à TV e os próprios professores precisam ser telespectadores críticos.

Ao comentar e ao discutir com as crianças sobre cenas e temas polêmicos exibidos pela TV (como sexo, violência, racismo, drogas, homossexualismo, entre outros), pais e professores desencadeiam o pensar crítico em relação a esse meio e, conseqüentemente, relativizam a influência da programação e seus efeitos sobre a garotada.

A criança brasileira freqüenta uma escola (quando freqüenta) plasmada pelo pensamento burguês hegemônico e assiste às programações televisivas (muitas das vezes, mais do que freqüenta à escola), legitimadas pela ordem capitalista. A escola, por sua vez, por mais que lute para preservar-lhe "alheia" à realidade social, faz parte dessa realidade; não há, pois, como estar imune a ela. Enquanto aparelho ideológico, cuja função é perpetuar a ideologia dominante, a escola também contém

✓

forças contrárias a essa ideologia. Entretanto, não esperamos que a escola possa ser o carro-chefe das mudanças sociais. *“A escola não pode desconhecer esta realidade que se aproxima com o novo milênio e, muito menos, caminhar em sentido oposto ao que ocorre do lado de fora dos seus muros”* (Pretto, 1996).

A sala de aula é um lugar onde pode falar sobre tevê. Quando o professor convida as crianças a se expressarem sobre os programas a que assistem e elas podem se expressar por meios de brincadeiras, de textos ou desenhos, está libertando seus alunos do silêncio passivo.

A mudança de mentalidade dos concessionários de TV pela conciliação de objetos comerciais está longe de acontecer. Resta, pois, a quem se preocupa com o cidadão brasileiro, divisar formas de desenvolvimento de uma leitura crítica do meio televisivo para que esta saia da sua posição de receptor passivo e passe a se situar diante das mensagens recebidas por este meio.

Uma das formas de atuação nesse sentido é a introdução desse meio na escola. É mediante o aproveitamento inteligente dos programas que se poderá desenvolver a habilidade da leitura crítica da TV.

Não é divorciando-se desse meio de comunicação social que estaremos construindo uma possibilidade de desenvolvimento pessoal e social do indivíduo, muito diferente de uma alienante passividade mental.

Enfim, torna-se necessário deslocar o pólo de interesse do emissor para o pólo do receptor. E talvez caiba principalmente à escola esta missão.

Já se sabe que as crianças são expectadores ativos, e não apenas receptores passivos facilmente manipuláveis pela TV. É de suma importância que este meio não seja como a principal fonte de informações e modelos disponíveis para as



crianças, mas apenas como um modelo complementar à educação familiar e à escolar.

Transformações precisam ocorrer nos modos como pais e professores devem proceder: participar mais criativa e eticamente das elaborações e desdobramentos que as crianças fazem em suas emoções, idéias, atitudes lúdicas diante de programas de TV. Essas intervenções educativas podem ser organizadas com o intuito de propiciar outras experiências lúdicas modificadoras dos sentimentos e idéias vivenciados pela intervenção televisiva.

Segundo Marques (1995), a televisão é o meio instrucional mais completo e pode-se mesmo afirmar que tanto a televisão comercial como a educativa são eficientes como meios de transmissão de mensagens.

É notório que os alunos consomem, em sua quase totalidade, as mensagens dos meios de comunicação e se interessam por elas. Acredito que os objetivos da organização da televisão não são de caráter pedagógico, mas tal meio pode ser utilizado pedagogicamente: trata-se, nesse caso, de dar aos alunos ferramentas (intelectuais) para que possam utilizar ao máximo, essa rica fonte de informações. A escola deveria conhecer a televisão como um meio, um instrumento didático.

Em geral, todos os gêneros de programas permitem aproveitamento pedagógico:

- **Novelas** – gênero que permite discussões sobre questões sociais e culturais, além de oferecer encaminhamento para a língua portuguesa e geografia.
- **Telejornais** – gênero adequado a aproximações com política, geografia e ciências.

- **Comerciais** – o produto visado é o principal indicador da área de exploração pedagógica, porém sempre será possível encaminhar para as questões sociais e culturais.
- **Filmes** – tal como no caso dos comerciais, o argumento do filme dirige o campo de exploração e pesquisa. Entretanto, vários aspectos são geralmente possíveis de serem estudados: arte, estética, linguagem e dramaturgia.
- **Desenhos animados** – é um gênero riquíssimo para exploração de comportamento social, cidadania, características de animais, seus hábitos e sua natureza. (Observatório da imprensa, 2000)

Tudo o que se vê na televisão pode e deveria ser explorado de forma construtiva. Todos os gêneros permitem explorar linguagem e questões sociais e a grande maioria permite abordagem de aspectos relacionados à cidadania.

Diante da febre consumista o professor deve procurar organizar atividades para atrair atenção dos alunos, mesmo utilizando suas novas manias: Digimon, monstros, cujo desenho estreou na Globo em julho/2000 para concorrer com os do Pokémon, e os brinquedinhos de dedo - skates, patins, bicicletas e acessórios.

Os modismos sempre existiram. Antigamente eram ioiôs, carrinhos e bonecas. Mas, eles nunca foram tão intensos e tão passageiros. As crianças levavam anos para enjoar de um jogo. Hoje, a cada dia aparece um novo produto. As crianças acabam tendo um consumismo exagerado. É nesse sentido que elas precisam ser educadas.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais, que propõem os temas transversais trabalho e consumo, é preciso mostrar aos estudantes, desde cedo, que

1

eles devem se posicionar de maneira crítica em relação às práticas consumistas, às mensagens da publicidade e as estratégias de venda.

Segundo a psicóloga Corrêa (apud Rossi, 2000) é preciso levar os alunos a refletir sobre o que é realmente necessário comprar. Ela ressalta que isso vale para roupas, calçados e qualquer outro produto sujeito a modismos e à sedução das grifes. Do ponto de vista do professor, é preciso estar atento e aproveitar o interesse das crianças e canalizá-lo de acordo com seus objetivos. Falando de tevê, o professor estará falando sobre ética e sobre convivência.

Entretanto, através do filme, de histórias em quadrinho, dos contos de fadas não param de surgir sempre novas aventuras na imaginação infantil. E as crianças de hoje precisam de tais contos de fadas, pois ajudam-na a compreender melhor a realidade. De um lado, o herói, de outro o malvado vilão. Isso facilita o entendimento dos contrastes.

Diante da realidade, considera-se que qualquer iniciativa no caminho de tornar o consumidor de TV num telespectador crítico, tendo em vista a criança, passa necessariamente, pelo ensino formal. A escola precisa ser integrada nessa perspectiva. É de fundamental importância abrir caminhos para uma reflexão mais contextualizada do papel da educação e da escola nessa sociedade em transformação.

A televisão pode ter uma finalidade pedagógica e, apesar de sua qualidade ela pode ter uma função educativa. O professor deve atuar como moderador nos debates e não como condutor das manifestações dos alunos. A reciclagem do lixo televisivo também cabe aos professores, pois só dessa forma deixará de ser "bicho-papão" ou "babá eletrônica".



E é exatamente nesse contexto de transformações que a nova escola brasileira precisa ser pensada: como sendo uma instituição que, efetivamente, possa trabalhar com uma multiplicidade de visões de mundo, numa perspectiva mais integral e não mais homogeneizadora, devendo então, estar centrada em outras bases, não mais reducionista e manipuladora.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A televisão com suas mais variadas programações pode ser uma valiosa fonte de conhecimento quando associada e integrada à prática escolar. A TV, com sua diversidade de programas anuncia uma linguagem que requer da escola a ampliação de “*seu diálogo*”, ou seja, possibilita o ver, o ouvir, o concordar, o discordar, o confrontar, o duvidar, o sentir, o sonhar. Tudo isso, sem perder de vista o currículo e a realidade.

Desse modo, penso numa maneira de tornar esse aprendizado mais gratificante à criança, onde o aprender e o estudar passam a ter nova conotação. A televisão pode começar a ser utilizada na própria sala, inserida no corpo da aula ou num determinado estudo a ser desenvolvido. Sua importância está, exatamente, no enriquecimento dos recursos didáticos e na amplitude de temas e áreas a que se remete. Quanto mais puder integrar diferentes áreas de estudo, mais produtivo e interessante será o trabalho. Isso porque haverá diferentes leituras, percepções diferenciadas, enfoques que permitem perseguir caminhos diversos, com atividades também variadas. Podem ser feitas interligações com o próprio cotidiano da criança, o que tornará o trabalho muito mais rico, sem sombra de dúvidas.

As atividades podem variar tanto, que é praticamente impossível esgotar as alternativas: as discussões podem levar à elaboração de murais, entrevistas,

excursões, elaboração e/ ou encenação de peças de teatro e tantos outros. O professor deve atuar sempre como moderador nos debates e não como condutor das manifestações dos alunos.

Quantas vezes o aluno muda sua postura, seu comportamento, a partir desse novo modo de trabalhar. No momento em que ele participa de uma atividade dinâmica, onde verdadeiramente ele se sente envolvido, esse aluno se fará presente, expressando de modo significativo, a sua consciência de mundo.

É possível ao telespectador infantil questionar a programação televisível, desvendar os artifícios da mensagem, tornar-se um telespectador crítico e, ao mesmo tempo, aprender com a televisão, explorá-la como meio didático.

E em casa será que nada é possível se fazer, ou tudo deverá ficar por conta da escola; cabe somente a ela essa tarefa?

O diálogo entre os pais e filhos e o exemplo dado pelos pais da postura adequada diante da TV e dos conteúdos por ela veiculados, são instrumentos fundamentais para impedir que a TV se transforme na principal fonte de informações e modelos para a criançada e para que ela aprenda a usar a televisão positivamente, evitando seus efeitos negativos. Os pais, assim como os professores, devem ensinar a criançada a perceber quando um programa é benéfico e quando é nocivo, para que adquiram um senso crítico e sejam capazes de selecionar, por conta própria, o que lhes for mais adequado.

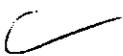
Em casa, na verdade, é que tudo começa, mas considerar a formação de um telespectador crítico como uma tarefa exclusiva dos pais esbarra em algumas dificuldades objetivas. Depois de um dia de trabalho, tudo o que os pais aspiram é estabelecer e assegurar seus espaços de lazer, nos limites do telejornal e da

telenovela. Não é de se esperar que eles estejam dispostos e interessados em discutir, com seus filhos, programas de TV.

*nao cas*  
Ficam evidentes a importância e a relevância da educação, tanto em nível familiar quanto escolar, no processo de controle de qualidade da programação, no sentido de atenuar possíveis efeitos negativos.

As dificuldades dos pais, na discussão da programação televisiva com seus filhos, não justificam a omissão. São dificuldades concretas que precisam ser ultrapassadas.

Enfim, é possível, agradável e de fundamental utilidade para a vida da criança debater TV. Pode-se entendê-la e utilizá-la pedagogicamente e impedir a absorção inquestionável das idéias, já que a criança é um ser crítico e capaz para tanto: de discutir, comparar, analisar e criticar; mesmo porque é apresentada uma percepção da verdade e não a única.



## REFERÊNCIAS

- ARIÉS, Philippe. História social da criança e da família. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.
- BENJAMIN, Walter. Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação. São Paulo, Smmus, 1984.
- CAPARELLI, Sérgio. Televisão e capitalismo no Brasil. Porto Alegre, L&PM, 1982.
- CASTRO, Lúcia Rabello de (org.) Infância e sociedade na cultura de consumo. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 1998.
- GARROCHO, Luiz Carlos. Olhar e Atuar. Palavra/Imagem. Caderno de Informação e arte nº 01. Minas Gerais. P. 31 – 37, 1995.
- GUARESCHI, Pedrinho. Comunicação e poder. Petrópolis, Vozes, 1993.
- IBOPE (1998). – Babá Eletrônica. In Revista Pais e Filhos, nº 371, ano 31, outubro, 1999, ( p. 63).
- KRAMER, Sônia. A política de Educação Pré-Escolar no Brasil: A arte do disfarce. Rio de Janeiro: Cortez, 1992.
- MARQUES, Martha Mendes. Olhos para o mundo: Projeto Vídeo Escola. Palavra/Imagem. Caderno de Informações e Arte nº 01. Minas Gerais. P65-68, 1995.
- MIGUEL, Jorge. Curso de Literatura. São Paulo: Harper & Row do Brasil, 1986.
- MORIN, E. Cultura de Massas do Século XX. O Espírito do tempo: Neurose. Rio de Janeiro: Florense Universitária, 1984.
- PACHECO, Elza Dias (org.) Televisão, criança, imaginário e educação. Campinas, Papyrus, 1996.
- POSTMAN, Neil. O Desaparecimento da Infância. Rio de Janeiro, Graphia, 1999.
- PRETTO, Nelson de Luca. Uma Escola sem/ com futuro: Educação e Multimídia. São Paulo: Papyrus, 1996.
- REZENDE, Ana Lúcia Magela de. A Tevê e a Criança que te vê. São Paulo: Cortez, 1993.
- ROCCO, Maria Thereza Fraga et al. Questões de Linguagem. São Paulo: Contexto, 1993.

ROSSI, Cláudio. **A Nova Febre da Turma.** In: Revista Nova Escola, nº 134, ano XV, Agosto, 2000, (p.29).

SERRANO, Manuel Martim. **Infância Digital e Cibercultura.** Disponibilizado na Internet no endereço [www.tver.org.br](http://www.tver.org.br).

SODRÉ, Muniz. **A Comunicação do Grotesco.** Petrópolis: Vozes, 1977.

SODRÉ, Muniz. **O Monopólio da fala: Função e linguagem da televisão no Brasil.** Petrópolis: Vozes, 1981.

SOIFER, Raquel. **A Criança e a TV: Uma visão psicanalítica.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

SOUZA, Solange Jobim & KRAMER, Sônia: **Educação ou Tutela?** São Paulo: Loyola, 1991.

SPALDING, Eliane Fazolo. **Para fazer Dormir as Dormideiras:** Uma Viagem à infância em companhia de Walter Benjamin. Monografia de Pós-graduação, apresentada à PUC. Rio de Janeiro, 1995.

THOMAN, E. changing views of the Deing and Becaming of Infants. In-. (org.) origins of the infant's social responsigeness. New Jersey, Erlbaum. 1979.



UNIRIO

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS

ESCOLA DE EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA

DISCIPLINA : MONOGRAFIA II

ALUNO(A): Evellyme Cristina Dias Freitas

TÍTULO DO TRABALHO MONOGRÁFICO: A influência da  
televisão sobre a criança.

ORIENTADOR: Maria E. Pena Viana Souza

FICHA DE AVALIAÇÃO FINAL

Primeiro avaliador :

Professor convidado: Angela Maria Souza Martins

Nota : 9,0 (NOVE)

Considerações:

A monografia apresenta um tema relevante, "a influência da televisão sobre a criança", que foi abordado de modo consistente e com boa fundamentação teórica. O trabalho apresenta reflexões significativas que podem contribuir para melhor compreensão da relação

entre educadores e programas televisivos. Mas, em alguns trechos, apareceu problemas de relação com fins a aluna a nota 9,0 (muito). D.M.M.

Segundo avaliador :

Professor orientador : Maria Elena Viana Souza

Nota: 9,0

Considerações:

Mesmo com a TV "invadindo" os lares dos brasileiros há tanto tempo, trabalhar o tema "influência da televisão sobre a criança" ainda é atual, pois, talvez, não se tenha dado a importância devida a tal meio de comunicação: suas influências positivas e negativas e como poderia ser trabalhada de forma mais proveitosa pela escola, entre outros.

Em relação ao conteúdo, a aluna procurou buscar fundamentos em autores de renome na área, mas, em alguns trechos, faltaram referências devidas. Também em relação às normas, a única citação direta feita em destaque pela aluna não cumpriu as exigências da mesma.

Terceiro avaliador :

Professor da disciplina Monografia II:

Lígia Martha Coimbra

Nota : 9,0

Considerações:

Apresenta elementos finais de um trabalho monográfico.  
É interessante ver a parte final das folhas iniciais.

**RESULTADO FINAL**

Avaliador 1	Avaliador 2	Avaliador 3	Pontos	Nota final
9,0	9,0	9,0	27,0	9,0

Rio de Janeiro, 30 de Junho de 2006.